



Disponível em
<http://www.anpad.org.br/rac>

RAC, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1,
pp. 128-130, Jan./Fev. 2013



Resenhas Bibliográficas:

Clínicas do Trabalho: Novas Perspectivas para Compreensão do Trabalho na Atualidade.

Pedro F. Bendassolli e Lis Andrea P. Soboll (Orgs.). São Paulo: Editora Atlas S.A., 2011. 288 p. ISBN 978-85-224-6095-3.

Edvalter Becker Holz *

E-mail: e.becker.holz@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Vitória, ES, Brasil.

* Endereço: Edvalter Becker Holz

Rua Ademar L. Nepomuceno, 220, apto. 401, Bl C, Ed. Vila Dourada, Bairro Jardim Camburi, Vitória/ES, 29090-520.

O livro *Clínicas do Trabalho: Novas Perspectivas para Compreensão do Trabalho na Atualidade*, organizado por Pedro F. Bendassolli e Lis Andrea P. Soboll, trata da relação entre trabalho e subjetividade, sendo uma obra duplamente valorosa: ao mesmo tempo em que oferece uma visão panorâmica de quatro importantes teorias clínicas do trabalho (Clínica da Atividade, Psicossociologia, Psicodinâmica do Trabalho e Ergologia), tece análises e reflexões aprofundadas sobre cada uma. Desse modo, o livro não se limita a proporcionar, numa única obra, um conjunto de trabalhos de diferentes filiações epistemológicas, mas privilegia o diálogo entre elas, ressaltando suas convergências e revelando suas divergências.

O livro está dividido em três partes. A Parte I, intitulada Fundamentos, é composta por dois capítulos e faz uma introdução às clínicas do trabalho e a seus aportes teóricos, pressupostos e aplicações, passeando entre os seus fundamentos. A Parte II, *Perspectivas Francesas*, é composta por seis capítulos que formam um retrato do trabalho desenvolvido pelos autores franceses empenhados na tarefa de melhor conhecer o trabalho humano nos dias atuais. A Parte III, intitulada *Perspectivas Brasileiras*, compõe-se de cinco capítulos e apresenta a inserção dessas teorias no Brasil e os impactos causados nas pesquisas brasileiras, ressaltando aplicações e experiências.

A Parte I inicia distinguindo as diferentes vertentes de análise psicológica das questões engendradas pelo trabalho: a cognitivo-comportamental, a social e a clínica, sendo essa diferenciação inicial de grande ajuda para o leitor ainda não familiarizado ao tema. Enquanto a primeira interessa-se pelo comportamento humano, apresentando-se como capaz de instrumentalizar o gerenciamento de fatores humanos no trabalho, prevendo e controlando comportamentos e oferecendo instrumentos de controle à gestão, a segunda preocupa-se com questões ligadas a representação social, identidade pessoal e social, efeitos do desemprego e aspectos ligados à construção cotidiana de sentidos. A terceira, por sua vez, não pretende ser aplicada como instrumento de gestão organizacional, sendo sua prática a pesquisa-ação, que permite ao pesquisador o desenvolvimento de dois papéis simultâneos: o de **clínico social** e o de **pesquisador-clínico**, uma vez que ele se interessa pela transformação efetiva do trabalho diante de situações de sofrimento, adoecimento e submissão, mas também questiona o próprio conhecimento produzido e as apropriações deste, tratando a pesquisa como *práxis* social. A origem da clínica do trabalho remete a estudos atinentes à saúde mental e vinculados à psiquiatria. Seus temas de pesquisa e focos de intervenção são identificados em três grupos: patologias da atividade ou patologias de sobrecarga; patologias da solidão e da indeterminação no trabalho; maus-tratos e violência no trabalho. Devido a divergências de ordem epistemológica, teórica e metodológica, a clínica do trabalho divide-se em teorias com especificidades e particularidades conceituais. As quatro vertentes clínicas abordadas no livro são: psicodinâmica do trabalho; clínica da atividade; psicossociologia; ergologia. Suas particularidades, convergências e divergências são tratadas de modo sistematizado e esclarecedor nesta parte do livro.

A Parte II aprofunda-se nas quatro correntes, todavia sob a perspectiva dos autores franceses. Trata, então, do modo como cada uma procura compreender e conceituar o trabalho; problematiza as modalidades de gestão atualmente introduzidas no mundo do trabalho e suas consequências; evidencia o quanto a gestão e os gestores têm a ganhar se dedicando mais à escuta das ciências sociais; trata da mobilização da subjetividade pelos humanos nas organizações, relacionando-a a questões identitárias, como estratégia identitária e ressonância psíquica em contexto de trabalho; aborda, ainda, aspectos do desejo de reconhecimento, relações entre cultura e significações, corpo, ética e do mundo das normas em constante conflito de valores nos coletivos de trabalho. Ao fim desta parte, o leitor terá uma visão macro, mas repleta de particularidades a respeito do trabalho humano e do dito “fator humano” nas organizações, sendo essa visão de extremo proveito e relevância a pesquisadores dos fenômenos organizacionais que desejam desenvolver estudos em correntes alternativas às comportamentais.

A Parte III esmiúça as perspectivas brasileiras a respeito das quatro correntes tratadas no livro, as apropriações dos conceitos franceses pelos pesquisadores brasileiros, suas tentativas de adaptar os métodos daqueles para as realidades de trabalho no Brasil e, ainda, seus debates com gestores do nosso país. Assim, é parte essencial, sem a qual esta bela obra não fecharia o fio condutor da coletânea de artigos que a compõe.

A recomendação do livro é em especial para estudantes, tanto de pós-graduação como de graduação em Administração, Sociologia das Organizações e Psicologia Organizacional, mas estende-se, sem sombra de dúvidas, a gestores e praticantes do mundo das organizações que desejam atualizar seus conhecimentos em relação às suas vivências e se inteirar daquilo que a academia tem produzido de conhecimento sobre o trabalho humano. É uma leitura agradável, esclarecedora, concisa e com um rico corpo teórico-conceitual em um livro bem-editado.